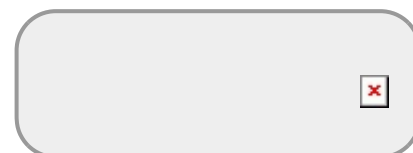


Padrões multiescala



Nesta prática vamos quantificar o padrão espacial usando métodos multiescala. Com uma única métrica podemos avaliar como o padrão espacial varia com a escala. Ao invés de trabalhar com amostras da população de interesse iremos descrever o padrão espacial para o conjunto total de pontos em uma população. Neste caso, temos um censo da população numa área delimitada e iremos ver o que acontece com as medidas de agregação desde a escala de indivíduos vizinhos até a parcela toda.

Para a prática vamos utilizar um programinha chamado [Programita](#), feito pelo pesquisador Thorsten Wiegand para quantificar o padrões espaciais usando medidas multiescala baseadas em distância entre pontos. Para baixar o manual do **Programita** clique [aqui](#).



No **Programita** existem várias medidas que podem ser usadas para calcular agregação, vamos usar duas delas: o **O-ring** e o **L de Ripley**.

Ambas são abordagens baseadas em pontos, que utilizam o cálculo de distâncias ponto a ponto dentro de uma área delimitada. Essas medidas podem ser usadas para análises univariadas, ou seja, identificando o padrão para uma única classe de pontos, ou para análises bivariadas, que identifica o padrão entre dois tipos de pontos. As análises bivariadas podem ser usadas no contexto de populações para verificar se indivíduos de um dado estágio estão espacialmente associados a outro, ou no contexto de estruturação de comunidades para analisar a agregação de uma espécie ao redor de outra.

L de Ripley (L(r))



O L de Ripley é uma medida da densidade média ao redor de cada ponto. Para cada ponto na área de estudo é calculada a densidade no interior de um círculo de raio r centrado no ponto (área cinza da figura). Em seguida, calcula-se uma média desses valores obtidos para todos os pontos.

A operação é repetida para diferentes valores de r . O $L(r)$ é uma medida derivada dessa densidade média ao redor dos pontos em função do raio de influência r , que permite avaliar de maneira contínua a agregação dos indivíduos.



Figura: Implementação da estatística L de Ripley: contagem do número de pontos distantes de i no interior do círculo de raio r . Extraído de Wiegand & Moloney (2004).

O $L_{\{r\}}$ é baseado na função K de Ripley, que é a densidade média de pontos a uma dada distância r de cada ponto, dividida pela intensidade (λ) dos pontos na área de estudo¹⁾.

$$K_{\{r\}} = \frac{\sum_{i \neq j} \mathbb{I}(\{d_{ij} < r\})}{n(n-1)} \frac{1}{\lambda^2}$$

Onde:

- d_{ij} é a distância do ponto i ao ponto j ;
- $\mathbb{I}(\{d_{ij} < r\})$ função indicadora, sendo 1 se o ponto está a uma distância menor que r de i , fora desse raio o ponto tem valor 0; e
- n é o número de pontos total.

A interpretação visual do $K_{\{r\}}$ não é muito intuitiva por ser uma função cumulativa. Por isso foi criado o L de Ripley, $L_{\{r\}}$, que é a transformação:

$$L_{\{r\}} = \left(\sqrt{\frac{K_{\{r\}}}{\pi}} - r \right)$$

que tem uma interpretação mais simples: $L(r) > 0$ indica agregação, enquanto $L(r) < 0$ indica padrão homogêneo.

O-ring (O(r))



A estatística **O-ring** é similar ao L de Ripley, mas baseada em um anel, ao invés de um círculo. É medida pela contagem do número de pontos em um anel de raio r e largura fixa. Da mesma forma que o L-Ripley também são calculadas as intensidades para diferentes tamanhos de anel, mantendo a largura fixa.



Figura: Implementação da estatística *O-ring*: contagem do número de pontos distantes de i ao longo do raio r . Extraído de Wiegand & Moloney (2004).

Logo, definimos $O(r)$ como: $O_{\{r\}} = L_{\{r\}} - L_{\{r-l\}}$

Onde:

- $r-l$: é o raio menos a largura do anel ²⁾

Na completa aleatoriedade espacial $O(r) = \lambda$ (intensidade do padrão), quando o padrão é agregado $O(r) > \lambda$ e quando é homogêneo $O(r) < \lambda$

As medidas $K_{\{r\}}$, $L_{\{r\}}$ ou $O_{\{r\}}$ apresentam soluções analíticas teóricas para o padrão definido como processo Poisson ou Completa Aleatoriedade Espacial (CAE). Ou seja, quando a distribuição dos pontos no espaço estudado não é diferente do esperado pelo acaso. Para uma dada densidade de pontos conseguimos calcular esses valores teóricos para qualquer raio. Dessa forma, para interpretar o padrão espacial dos pontos observados precisamos:

- calcular os valores observados e o teóricos para CAE;
- comparar esses valores;
- definir quando uma diferença é ou não aceitável para afirmar que o padrão é diferente do aleatório;



Para os dois primeiros tópicos acima, usamos as fórmulas e calculamos os valores. Para tirar a subjetividade do terceiro, podemos calcular intervalos de confiança ou gerar envelopes³⁾ de confiança gerados por simulações, para definir objetivamente o que é algo diferente do esperado.

Padrões de Pontos Simulados

Atividade 1:



Qual processo gerou o padrão de pontos?

Instruções gerais

- 1. baixe os arquivos relacionados ao padrão espacial 1 ou 2:

Dados para Análise Espacial

Padrão 1

- População (todos os indivíduos, sem distinguir adultos e jovens)
- Parentais (somente os adultos)
- Prole (somente os jovens)
- Bivariado (todos os indivíduos, distinguindo adultos e jovens)

Padrão 2

- População (todos os indivíduos, sem distinguir adultos e jovens)
- Parentais (somente os adultos)
- Prole (somente os jovens)
- Bivariado (todos os indivíduos, distinguindo adultos e jovens)

- baixe o [programita aqui](#) na mesma pasta do arquivo de dados;
- descompacte o arquivo *programita.zip*;
- clique 2x para abrir o arquivo executável *ProgramitaJulio2006.exe*.

Bem vindo(a) ao **Programita**! Agora vamos abrir os dados que iremos trabalhar.

O **Programita** aceita arquivos de texto das extensões .dat e .asc. São arquivos em formato de texto, separados por tabulação (ou espaço). Os arquivos de dados possuem a seguinte estrutura:

A primeira linha contém informações gerais sobre o arquivo de dados:

- valor mínimo de x;
- valor máximo de x;
- valor mínimo de y;
- valor máximo de y; e
- número total de indivíduos

A partir da segunda linha, estão os dados dos pontos que serão analisados:

- primeira coluna com as coordenadas x dos indivíduos;
- segunda coluna com as coordenadas y dos indivíduos;
- terceira coluna com os pontos do padrão 1 identificados por 1 e do padrão 2 por 0 ⁴⁾;
- quarta coluna com os pontos do padrão 1 identificado por 0 e do padrão 2 por 1 ⁵⁾.

No caso de dados univariados, a terceira coluna será sempre 1 e a quarta coluna sempre 0. Para dados bivariados as terceira e quarta colunas terão valores de 0 e 1 de acordo com o padrão do ponto.



Fig. Exemplo de arquivo .dat no formato de uso no *Programita*.

Padrão Univariado: todos os pontos

1. Verifique se na janela *Input data file* estão aparecendo os arquivos .dat. Caso não esteja, verifique se o arquivo executável do programita está na mesma pasta dos arquivos .dat.

Dependendo da configuração do seu navegador o arquivo salvo pode aparecer com uma extensão diferente (p.ex. ".bin"). Nesse caso é preciso mudar a extensão do arquivo para ".dat".

- 2. no menu à esquerda selecione o arquivo **padrao"0X"all.dat**. No caso **X** vai ser 1 ou 2 dependendo da sua escolha;

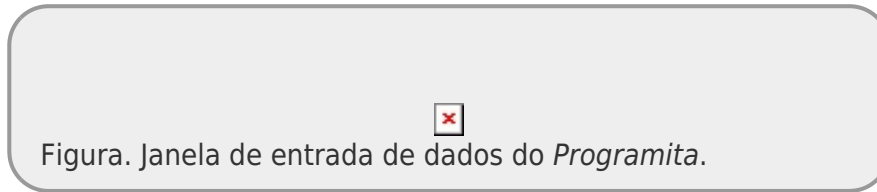


Figura. Janela de entrada de dados do *Programita*.

- 3. Em **How your data are organized** selecione **List**
- 4. Vamos começar usando o L de Ripley então em **Which method to use** selecione **Circle**
- 5. Em **Select modus of data** selecione **List with coordinates no grid**. Ao selecionar esta opção aparecerá uma janela com a opção **Select a new cell size**:



- 6. Caso tenha menos de 500 pontos, altere o **proposed cell size** para 1. Caso contrário deixe no padrão do programa.
- 7. Feito tudo isso, você deve estar assim:



- 8. Você pode agora respirar fundo e apertar o botão **Calculate index**;

A saída visual do programa é um mapa onde os indivíduos aparecem em pontos vermelhos, seguindo as coordenadas do arquivo de dados. O gráfico no canto superior direito corresponde ao valor do L-Ripley para diferentes raios. Nessa saída gráfica é possível analisar como o padrão espacial varia de acordo com a escala.

Porém, isso não é suficiente para afirmarmos em que escalas a população é agregada. Para isso precisamos comparar o resultado observado com o padrão que seria gerado pela distribuição dos pontos completamente aleatório. Esse modelo nulo é chamado de **completa aleatoriedade espacial**. Para gerar esse modelo por simulação é necessário recolocar o mesmo número de pontos de forma aleatória na mesma área. Se fizermos isso, muitas e muitas vezes, é possível gerar um envelope de confiança (similar ao intervalo de confiança) no qual o padrão de distribuição aleatória é encontrado. Se os valores observados estão contidos dentro do envelope podemos concluir que nosso padrão não é diferente do aleatório.

Para fazer isso você deve:

- 9. selecionar a opção **Calculate confidence limits** e;

- 10. na janela **Select a null model** selecionar o modelo nulo **Pattern 1 and 2 random**;
- 11. verifique se sua tela está como a figura e clique novamente no botão **Calculate index**.



Caso a simulação esteja demorando muito

- aperte o botão de *stop* ao lado do *Calculate index*;
- selecione outro *modus of data* e em seguida selecione novamente *list with coordinate,...*;
- na janela *Select a new cell size*, altere *proposed cell size* para 2;
- na janela *Select a null model* altere *# simulations* para 20;
- aperte novamente o botão *Calculate index*;

Descreva o padrão observado

O *Programita* permite acompanhar graficamente a simulação ao longo do tempo 😊. É possível observar que a cada simulação é gerada uma distribuição aleatória dos indivíduos e recalculado os valores de L-Ripley. Ao final é gerado o gráfico com os valores observados a partir do arquivo de dados, acompanhado do envelope de confiança gerado a partir da simulação de completa aleatoriedade espacial. Valores fora do intervalo de confiança indicam a existência de um padrão espacial diferente do aleatório.

Dica: Faça um *Print Screen* dos seus resultados para salvar o gráfico de cada análise que fizer ao longo da prática.

- 12. Faça o mesmo procedimento, porém em **Which method to use** selecione **Ring**
- 13. Compare os resultados entre o L-Ripley e o O-Ring.

Atividade

- repita a análise para os arquivos com:
 - os pontos dos parentais (adultos): *padrao"0X"par.dat* e;
 - os pontos dos pontos associados - prole (jovens):
padrao"0X"prole.dat;
- interprete o resultado para cada tipo de ponto;

Padrão Bivariado: duas classes de pontos

O *Programita* permite a análise de padrão de pontos de uma classe em relação a outra. Para isso é necessário diferenciar os pontos no arquivo de dados, utilizando 0 ou 1 nas colunas 3 e 4, como mostra a figura abaixo, em um arquivo que distingua indivíduos adultos de juvenis:



Vamos agora analisar o padrão dos pontos associados (PROLE) em relação aos parentais (PAR), seguindo o mesmo procedimento anterior.

1. selecione o arquivo com a separação de classes de pontos parentais e associados:
padrao"0X"bi.dat;
2. em **What do you want to do** selecione a opção **Point-pattern analysis**
3. em **How your data are organized** selecione **List**
4. neste caso, estamos interessados na análise do padrão em escala cumulativa para entender até que distância há agregação, por isso, em *Which method to use* selecione *L-Ripley*
5. em **Select modus of data** selecione **List with coordinates no grid**
6. para testarmos se existe agregação dos pontos PROLE em relação ao PAR, utilizaremos o envelope de confiança. selecione a opção **Calculate confidence limits** e selecione o modelo nulo **Pattern 1 fix, 2 random**.
7. rode a análise apertando: **Calculate index**
8. interprete os resultados.

Descubra o algoritmo

Algoritmo é uma sequência de passos para executar uma tarefa. Os pontos dos arquivos de dados foram gerados por um algoritmo muito simples em duas fases: primeiro foram gerados os pontos parentais e em seguida os pontos associados (prole). Descreva uma sequência de tarefas ⁶⁾ que seria capaz de gerar a distribuição de pontos (incluindo ambas classes de pontos) que você observou a partir do seu arquivo de dados.

Distribuição Espacial de Palmitos na Restinga

✖ O Palmeiro (*Euterpe edulis* Mart.) é uma espécie muito característica das florestas atlânticas e costuma ocorrer com densidades altas em áreas mais preservadas. Vamos agora analisar os dados referentes a uma população de palmitos que ocorre em uma parcela de floresta de Restinga na Ilha do Cardoso, Cananéia -SP. Os dados foram coletados nos anos de 2009/2010 em uma área de 10,24ha (320m x 320m).

Preparamos três arquivos no formato lido pelo *Programita*:

1. dados de indivíduos juvenis (diâmetro do tronco entre 1 e 5 cm): [juvenil.dat](#)
2. dados de indivíduos adultos (diâmetro do tronco > 5 cm): [adulto.dat](#)
3. juvenis e adultos (padrão 1 adulto, padrão 2 juvenil): [juvenil_adulto.dat](#)

Utilizando as ferramentas disponíveis no *Programita* para descrever os padrões espaciais:

- da população total de palmito;
- apenas dos juvenis e;
- apenas dos adultos.

Investigue se a distribuição dos juvenis está associada a dos adultos.

Padrões & Processos Junte-se em um grupo de 2 a 4 alunos e discuta quais possíveis processos poderiam gerar os padrões descritos.

1)
intensidade, nesse caso, é a densidade total; número de pontos médio por unidade de área

2)
raio menor do anel

3)
equivalente a intervalo de confiança obtido por simulação numérica

4)
no caso de dados bivariados

5)
tb. no caso de dados com dois tipos de pontos

6)
p.ex: gerar 10 valores de x a partir de uma distribuição aleatória uniforme de 0 a 100; gerar valores de uma sequência de 10 a 90 a cada intervalo de 5 como o y....

From:
<http://labtrop.ib.usp.br/> - Laboratório de Ecologia de Florestas Tropicais

Permanent link:
<http://labtrop.ib.usp.br/doku.php?id=cursos:popcom:2018:roteiros:ep2>

Last update: 2021/07/20 12:43

